

Dossiê[er] > *E tudo o resto é paisagem...*

Editora do Dossiê > M^a Fátima Lambert

Em linguagem coloquial, acontece que, frequente em Portugal, você escute um interlocutor em conversa ou discussão, quase em desespero de causa e virando costas aos demais, falar em jeito de conclusão: ***E tudo o resto é paisagem...*** Entenda-se essa expressão num sentido que deveria ser “impactante”, endereçando para fora de campo – quer de decisão, quer de raciocínio. Assim, se exclui aquilo que para efeitos pragmáticos efetivamente não interesse; tudo aquilo que não altera nada ao que já é ou tem de ser; tudo o que não seja pertinente, o que adquira condição sustentável. Eis o que significa essa expressão idiomática, traduzindo sob desígnios de que o que acresce seja “uma espécie de paisagem”, menosprezando-lhe a qualidade, reconhecendo quanto a pragmática domina a lógica, a sintaxe e/ou a semântica. Pois que, na sociedade que compila gentes-pessoas-sujeitos... aquilo que supostamente é mais relevante carece, precisa de ser e ter figura, particulariza a efetivação de *alguém*, nem que seja a sua representação, mesmo e apenas apresentando-se como uma singela ou acessível presentificação. Desde o Renascimento, já no protorrenascimento que “I primitivi sono riusciti a venire a patti com i vincoli imposti dalla técnica e le loro realizzazione hanno a poco a poco trasformato il nostro modo di vedere il paesaggio.” (François e HEILBRUN, *Paesaggio e natura*, Paris, Musée d’Orsay, 2004, p.7) Sabe-se que a paisagem é uma invenção, quem duvidasse, bastou Anne Cauquelin – na obra homônima - conferir-lhe, enaltecendo, a fatal e ineludível qualidade assertiva que permanece, resistindo a quase jogos retóricos de teimosia, quando alguns detratores lhe querem assista somente condição unidirecionada.

Mais imediatamente se associa a ideia de paisagem, aos territórios bidimensionais, mercê da primazia em imagem, quer da fotografia, quer do cinema, pintura, desenho

ou guache, meios, técnicas e expressões que ocasionam, concebem, facilitam e/ou acedem a sua diversidade “reinventada”. Todavia, mediante a escultura, no plano e primado do tridimensional, seja mais recente no século XX, nas vertentes da instalação, dos projetos *in situ*, *site specific* – e outras aceções variantes - por meio de ações e atuações, acedendo-se a tópicos vivenciados e estabilizados – porventura - numa natureza intervencionada, tanto como já se conhecia na arquitetura e no urbanismo. Por outro lado, e desde sempre, mediante a escrita – contemplando suas tipologias, bastantes e tantas, assim como nos desempenhos e movimentos nas artes performativas – música, dança, performance, teatro... e no advento da contemporaneidade, com a proliferação de entrecruzamentos artísticos, as paisagens dominam mesmo os tempos polissémicos. Concebem-se, concretizam-se através de exercícios metodológicos, pela assunção (e ação) de pensamentos críticos e disciplinares de feliz convivência.

A *paisagem* é decisão, sendo fragmento imprescindível ou imensidão subtil. Todas as vidências, os tatos, os odores, os sabores ou os sons instituem o modo e/ou estado de paisagem que se queira. Com ou sem figura, na ausência, na transmutação, no conceito, no juízo, no raciocínio... as pessoas estão/vivem lá, sempre ou não em condição de paisagem cosmogónica quiçá.

Tanto as figuras, como as pessoas que existem em carne e pensamento intrínseco exigem o seu espaço próprio, reconhecem-no e desejam-no, de muitas e variadas maneiras, deslocando-se ou fixando-se; é um caso sério pois se arca com a consequência do lugar – enquanto referente ou enquanto referencial, convertido em decisão constitutiva e firme. Sem vacilar, o espaço cumpre funções que deliberam as aceções e consequências das tipologias de paisagem, movimentando-se num crescendo epistemológico, quase sem fim na linha do horizonte: “Space as a container, surface and volume was substantial inasmuch as it existed in itself and for itself, external to and indifferent to human affairs.” (Christopher Tilley, *A phenomenology of landscape*, Oxford, Berg publishers, 1994, p.9)

Entende-se, aqui, que sob formato de textos, cujos autores respondem a desígnios de pesquisa/investigação diversos, se compilam argumentos, ponderações, análises críticas, criações poéticas e visuais, possuídos por afinidades eletivas, explicitando esse denominador comum que é o mote. Ou seja, a paisagem entendida sob intenção

de metáfora, de factualidade, de evidência, de *constructo*, de *percepto*, de ausência, de metamorfose, de substância... Sob configurações determinadas por ancestralidades acadêmicas, artísticas; viajando entre a filosofia, a antropologia, a sociologia, a estética, a teoria da paisagem, a poética visual, a literatura...e afins; explanando ideias breves, expondo flutuações argumentativas, este dossiê(er) estrutura-se em 3 seções, cada uma delas, compartilhando rigores de pesquisa, densidades conceituais e ímpetos em cumprir endereçamentos gnosiológicos lúcidos. Para que na atualidade se olhe o menos impactante, o menos valorizado, o menos domesticado, aquilo que a irreverência ou a planura de ser, anuncia como paisagem, consignando-a numa composição polissêmica onde o atonalismo visual, verbico e crítico são coniventes, num processo interminável, onde a cientificidade é – simultaneamente ou não - ontológica, intuitiva, criadora, uma exigência humanizada. Porque se escolhem as paisagens? Talvez não se acredite mais em paisagens ou sim: elas existem em nós, na ruína, no desejo, na memória, no impermanente, no imaterializável. (a continuar)

Paisagem visoverbico > onde se apresentam unidades gráficovisuais [natureza plural ou singular] construindo paisagem

- Augusto Lemos
- João Bandeira

Paisagem verbicofilosófica > onde se apresentam textos ponderando, argumentando, refletindo paisagem

- Carlos França
- Hugo Monteiro
- Fátima Lambert

Paisagem verbicovisocrítica > onde se apresentam textos e imagens de paisagem interpelada pelo pensamento visual e/ou poética de autor [artista]

- Samuel Rama
- Susana Piteira
- Paula Scamparini
- José Maças de Carvalho